

OS FANZINES DA BAIXADA FLUMINENSE NO ENSINO DE GEOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO: narrativas e grafias dos bairros

*THE FANZINES OF THE BAIXADA FLUMINENSE IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY AS A DIDACTIC
RESOURCE: narratives and representations of the neighborhoods*

Clézio Santos¹

 ORCID IDS

Santos C - <http://orcid.org/0000-0001-8491-1802>

RESUMO

A pesquisa contextualiza novas práticas docentes no ensino de geografia, realizadas a partir de experiências vividas por meio de oficinas ofertadas durante a formação de profissionais que vão trabalhar com o ensino de geografia na escola básica, especialmente com alunos dos cursos de licenciatura em Geografia e em Pedagogia da UFRRJ. O objetivo principal da pesquisa é analisar como os alunos de graduação em Geografia e Pedagogia utilizaram as diferentes linguagens gráficas para organizar seus fanzines no ensino de geografia. A metodologia é qualitativa e embasa-se na leitura específica e na realização de oficinas. A história dos bairros é contada pelos alunos que em sua maioria na Baixada Fluminense, permitindo a produção de um recurso didático ímpar e relevante para se trabalhar nas aulas de geografia na escola básica.

Palavras chaves: ensino de geografia; linguagem gráfica; fanzines; Baixada Fluminense.

ABSTRACT

The research contextualizes new teaching practices in the education of geography, carried out from experiences lived through workshops offered during the training of professionals who will work with the teaching of geography in the basic school, especially with Students from the undergraduate courses in geography and pedagogy at UFRRJ. The main objective of the research is to analyze how the undergraduate students in geography and pedagogy used the different graphic languages to organize their fanzines in the teaching of geography. The methodology is qualitative and is based on the specific reading and the realization of workshops. The history of the neighborhoods is told by the students who mostly in the Baixada Fluminense, allowing the production of a unique and relevant didactic resource to work in the geography classes in the elementary school.

Key words: Geography teaching; Graphic language; fanzines Baixada Fluminense

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Autor Correspondente: cleziogeo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Existem inúmeras questões desafiadoras postas por Paulo Freire (1997) que surgem na sala de aula ou no nosso cotidiano, como: “a realidade é assim mesmo”, “respeito, mas não se aproxime”, e “sou assim e não mudo”. Essas questões devem ser encaradas como desafios a serem ultrapassados especialmente na educação. A educação deve ser prazerosa para o educando e o educador, mas para tal, deve ser tratada com respeito dentro e fora da escola. As “chacotas” devem ser trabalhadas de forma onde as crianças não se sintam minorizadas neste espaço educativo que é a escola e nem outro espaço educativo.

A ideia de Paulo Freire (1997) sobre a assunção da identidade cultural dos indivíduos, quer dizer que “assunção” é assumir em nossas mãos quem sou eu e quem somos nós. A identidade cultural está ligada ao povo e devemos tratar na educação como tal. A escola deve lidar com essas ideias a partir das relações humanas. Quando isso não ocorre, nós temos o direito da raiva (“justa ira”). Essa raiva não poder ser levada para a violência, mas é ela que alimenta a forma de amar. Se amo quero transformar.

Precisamos enquanto educadores, criar espaços para o diálogo, locais de encontro (espaços interculturais) onde podemos conversar com crianças, jovens e adultos. Juntos e separados, ao mesmo tempo, reafirmando que aprendemos com o outro, o termo “eu me sinto acrescido pelo outro”. Quando entendo o outro, o vejo diferente e isso radicaliza o meu eu e dessa forma posso aprender e transformar com/o outro. Esses espaços interculturais podem ser em nossa escola, em nossa comunidade, em nosso bairro, em nossa cidade, ...). As aulas de Ensino de Geografia no curso de Pedagogia PARFOR na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) procura efetivar esses espaços interculturais, mas muitas vezes os educandos não estão acostumados a conversar com o outro, ou melhor de aprender e transformar com/o outro. Mas continua sendo um desafio a ser seguido.

O texto tem como objetivo relatar a atividade com fanzines no Ensino de Geografia no curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da

Educação Básica (PARFOR) destacando seu uso como recurso didático para discutir o bairro e sua organização espacial. Dessa forma o(a) aluno(a) do curso de Pedagogia PARFOR tem a possibilidade de discutir sobre o uso do fanzine, como também sobre sua construção. A metodologia vem sendo trabalhada desde 2013 no curso de Pedagogia e de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O Plano Nacional de Formação de Professores de Professores da Educação Básica – PARFOR foi criado pelo Governo Federal para atender o Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Implantado em regime de colaboração entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior, Estados, Municípios, Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior.

Segundo Azevedo (2015, p.2)

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 10 de novembro de 2009 assinou o termo de adesão ao Acordo de Cooperação Técnica - ACT no- 014/2009, com vistas à implantação do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, instituído pelo Ministério da Educação, destinado a atender à demanda de professores das redes públicas estadual e municipais sem formação adequada à Lei de Diretrizes da Educação Brasileira (LDB - Lei no- 9394/1996), com oferta de ensino superior público e gratuito.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), tem se destacado no estado do Rio de Janeiro e em especial na Baixada Fluminense por manter os cursos PARFOR em Pedagogia, História, Filosofia e Letras.

O PARFOR trouxe consigo um perfil de professores/alunos que possuem marcas identitárias e saberes acumulados ao longo de suas vidas profissionais sobre práticas variadas e especialmente de letramento. Eles possuem saberes e concepções relativas as práticas de oralidade, leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem. Durante a formação na UFRRJ esses saberes e concepções são retrabalhados no sentido de uma nova construção de conhecimento e acima de tudo de uma nova visão de mundo.

As práticas pedagógicas no âmbito acadêmico nas Ciências Humanas são marcadas pela inclusão e re-trabalho de inúmeras linguagens e o ensino de geografia colabora com o desenvolvimento e articulações de diferentes tipos de linguagens como a escrita e a gráfica. Compreendemos que a formação de professores se caracteriza como um lugar de transmissão e consolidação de múltiplas práticas.

Com as demandas por formação organizadas pelos Fóruns Estaduais Permanentes, cada professor deve fazer sua pré-inscrição aos cursos por meio de um sistema informatizado criado pelo MEC, denominado Plataforma Paulo Freire, onde poderá também cadastrar e atualizar seu currículo. Os sistemas estaduais e municipais devem ainda fornecer o suporte indispensável aos professores cursistas em exercício, em parceria com as instituições de educação superior do Brasil, cujo comprometimento é inestimável para o sucesso do PARFOR, experiência inédita na história do país para melhoria da educação básica pública.

Nossa pesquisa busca compreender através das narrativas escritas e gráficas propiciadas pelos fanzines as tensões presentes nas práticas docentes presentes na formação do(a) pedagogo(a), na turma PARFOR do Instituto Multidisciplinar de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Destacamos que os fanzines também podem ser chamados de zines, que nada mais é do que uma abreviação do primeiro termo. Quem faz fanzine poder ser chamado de fanzineiro (a) ou simplesmente zineiro (a) e um dos nossos desafios é tornar o(a) pedagogo(a) num fanzineiro(a).

Optamos dentre a diversidade de temáticas que um fanzine pode ter, o de cunho educacional. Acreditamos que pode ser um grande recurso didático na educação sendo fundamental estar presente na formação de professores. Dessa forma incorporamos a construção de fanzines nos programas de duas disciplinas obrigatórias de ensino de geografia ministradas regularmente nos cursos de PARFOR Pedagogia e na Licenciatura em Pedagogia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Nova Iguaçu.

CONTEXTUALIZANDO O QUE SÃO OS FANZINES

De acordo com Barbosa (2007), não existe uma definição oficial para os fanzines, tendo em vista que a maior parte dos debates ocorre em um plano marginal. Barbosa (2007) citando Galvão (2006) diz que os fanzines impressos apresentam algumas características mais gerais: eles são, na maioria dos casos produzidos por amadores, são feitos artesanalmente (no geral, colagens e desenhos), xerocopiados e distribuídos (gratuitamente ou não) entre amigos, parentes ou postos à venda em locais especializados. Sabe-se que os temas e formatos são diversos. Podem ter tamanho de A4, A5, 1/4 de ofício ou duplo ofício e outros.

As temáticas abordadas nos fanzines são infinitas, passando desde o plano político, social, econômico, até temas mais introspectivos como os fanzines pessoais. Magalhães (2004) destaca que existem os fanzines de histórias em quadrinhos, os fanzines voltados à investigação jornalística, os fanzines mistos, os fanzines nostálgicos, além dos de ficção científica, de música, com temáticas ambientais, os anarquistas, os educativos. Incluímos também até um gênero considerado por Santos Neto (2009) como sendo genuinamente brasileiro o fanzine poético-filosófico. Essa diversidade toda, também leva a certa confusão na delimitação do que possa ser ou não um fanzine ou uma revista independente.

Não é possível dizer quando e como os fanzines surgiram, até porque com a vastidão de formatos possíveis, é provável que esses tenham surgido em qualquer época de contestação às grandes mídias, ou até mesmo a partir do desejo de expressão de alguém em particular ou grupos de indivíduos.

Se considerarmos, porém, que os fanzines o são a partir do momento em que são compreendidos como tal, o nome mais aceito é de Russ Chauvenet, que criou o termo a partir de duas palavras em inglês: *fanatic* (fã) e o termo *zine* (de magazine [revista]), logo, *uma revista produzida por fã*.

Nos debates acerca do tema, o surgimento do fanzine é atribuído a um momento anterior ao de Russ Chauvenet. Barbosa (2007) citando Aragão (2000)

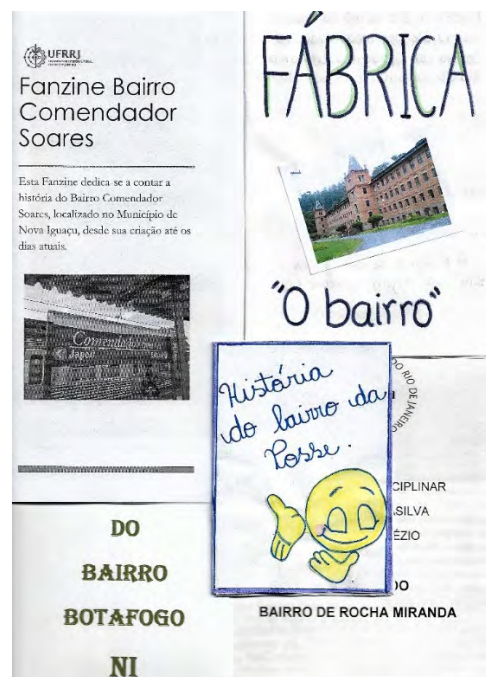
nos diz que o primeiro fanzine que se tem notícia foi o *The Comet*, lançado em maio de 1930 por Hugo Gernsback. Caracterizado por muitos como “imprensa alternativa”, ele surgiu no período da grande depressão econômica, nos Estados Unidos.

O fato indiscutível é que os fanzines se popularizaram na década de 1970 com o movimento Punk inglês. De acordo com Barbosa (2007) o sucesso das bandas de Rock (mesmo que num cenário alternativo) e o apoio das gravadoras na divulgação dos materiais fonográficos, bem como nos ideais expressos pelas bandas, propiciou uma rápida popularização dos fanzines.

Os fanzines eram inicialmente impressos com rudimentares instrumentos de reprodução, como o mimeógrafo e, atualmente, graças à popularização de outros meios de impressão, reproduzidos em off-set e máquinas fotocopadoras (MAGALHÃES, 2003), os fanzines mostram-se como uma opção, em muitos casos a única, para artistas, escritores, poetas, músicos, quadrinistas ou simples apreciadores do gênero, que buscam, através da divulgação de suas obras, romper o silêncio a que estariam submetidos não fosse à inquietude que faz desses sujeitos anônimos, à margem do processo produtivo e dos lugares instituídos (e permitidos) de manifestação artística, verdadeiros representantes, impertinentes dos processos pelos quais o homem (re) significa a si mesmo e o mundo em que está inserido e (inter) age por meio da linguagem, das possibilidades de discurso (ORLANDI, 2002), mesmo que na contramão do que é esperado e consentido.

O campus de Nova Iguaçu da UFRRJ está no meio da região denominada de Baixada Fluminense, uma região densamente povoada e populosa pertencente à Região Metropolitana do Rio de Janeiro, porém uma região renegada e com poucos investimentos governamentais em diversas áreas, dentre elas a cultural e a educacional. Dessa forma o fanzine possibilita o conhecimento da Baixada Fluminense sobre o olhar de seus moradores, pois a maioria dos estudantes deste campus são moradores dos diversos municípios que compõem essa região. As figuras 01 e 02 mostram algumas capas produzidas por alunos sobre os seus bairros.

Figura 1 - Capas de fanzines utilizando diversas técnicas



Fonte: Santos, 2018

Na figura 01 temos diferentes capas que representam diretamente o tema de que trata o fanzine, como é caso das capas que apontam a história do bairro Comendador Soares, Botafogo, Posse no município de Nova Iguaçu e o Fábrica no município de Paracambi, mas também nas capas podem aparecer já a contextualização de cenas que iniciam a história como “a ocupação do bairro...” e “tudo começou assim”, não identificando diretamente o bairro que será desvendado ao longo do fanzine. Essas diferentes formas de estruturar o fanzine enriquece muito, já que o fanzine em si é uma publicação sem camisa de força. Os quatro fanzines foram construídos no formato ¼ de ofício.

Isso fica claro na capa do Fanzine da figura 02 onde o título incorpora o nome do bairro no título sem identificar diretamente em “A história de uma Vila entre Rios”, a autora do fanzine utiliza a técnica de colagem e destaca a história que será contada da Vila entre Rios no município de Belford Roxo.

De certa forma, utilizar e incorporar o fanzine nas práticas educativas é incorporar um gênero textual distinto e também se posicionar contra a ideologia, sobretudo a do mercado editorial e é, consequente-

mente, se colocar à margem desse mercado. Dessa forma, com custos muito reduzidos o fanzine transforma-se num poderoso material didático de divulgação de informações que dificilmente chegaria as grandes redes. Potencializando narrativas ímpares sobre os lugares como os diversos bairros que podem ter suas histórias contadas e recontadas por seus moradores que serão futuros educadores e poderão construir novos fanzines como recursos didáticos com seus alunos.

A APLICABILIDADE DO FANZINE NO COTIDIANO DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

O fanzine como recurso didático no ensino de geografia vem sendo trabalhado por alguns autores em trabalhos acadêmicos, textos e artigos de divulgação, além de oficinas, por autores interessados em ampliar as metodologias e práticas educativas, incorporando novas linguagens e recursos na geografia escolar. Mas destacamos que os fanzines também propiciam um enorme diálogo interdisciplinar no contexto escolar.

Na geografia destacamos alguns estudos sobre o uso do fanzine no ensino como os trabalhos de Revoredo e Roque (2009), Franco (2010, 2014), Santos (2013), Souza e Santos (2014), Souza (2015), entre outros.

Tomamos em nossa prática com fanzines a seguinte definição de fanzine:

[...] espécie de revista alternativa, um veículo de comunicação amador e não estruturado comercialmente. Os temas são variados e são escolhidos em função da iniciativa de quem o cria, o que oferece uma autonomia. Sua expressão também é diversificada, podendo utilizar-se de imagens, textos, poesias, história em quadrinhos. (FRANCO, 2010, p. 21)

Utilizamos as ideias de Franco (2014, 2010) pois em seus trabalhos também trata dos fanzines, enquanto um elemento pedagógico e didático possível de realização que cause interesse pelos estudantes, à apreensão de conteúdos da geografia utilizando diversas linguagens e técnicas. Portanto, o fanzine pode ser considerado um instrumento para a lingua-

gem geográfica no que se refere à percepção espacial do indivíduo, pois “O uso de diferentes linguagens é importante no contexto de sala de aula em que as práticas pedagógicas tradicionais já não são suficientes para despertar o interesse dos educandos para aprendizagem” (REVOREDO; ROQUE, 2009, p. 3).

De acordo com (SANTOS, 2013, p. 4):

O uso do fanzine em sala de aula atribui aspecto lúdico a didática do professor, pois permite a formação de uma nova perspectiva de trabalho docente e consequentemente uma nova postura dos alunos com relação às aulas de Geografia. A utilização do fanzine como ferramenta no processo ensino-aprendizagem representa uma motivação e um entusiasmo em contraposto ao desinteresse para com as aulas dessa disciplina.

Conforme Barbosa (2007, p.26), usando uma definição atribuída a Bzuneck (2002, p.9), a “motivação seria aquilo que move o indivíduo, ou que o põe em ação ou o faz mudar de curso”.

Para Barbosa (2007), a motivação é um tema de relevante importância tanto na psicologia como na pedagogia e em ambas relacionada à aprendizagem humana.

Ressaltamos que não pretendemos discutir a problematização da motivação mais a fundo, apenas a exemplificamos a fim de somar uma breve definição sobre a motivação a fim de justificá-la no contexto dessa atividade aplicada com os alunos universitário na disciplina de ensino de geografia:

Motivação parece ser a preocupação central da maioria dos educadores, professores e pesquisadores quando o assunto é o processo de ensino/aprendizagem. Como afirma o próprio Dörnyei (2001, p.5), até mesmo o mais brilhante dos alunos precisa estar bastante motivado para permanecer em seus objetivos até alcançar os resultados significativos (BARBOSA, 2007, p.28).

A especulação teórica sobre a motivação abordada neste trabalho fundamenta-se na premissa de que o professor precisa ter conhecimento desses mecanismos psicológicos para melhor saber explorá-los a fim de colher o máximo de resultados satisfatórios. Desse modo é que defendemos o uso do fanzine, enquanto instrumento através do qual se pode alcançar

esses resultados, onde temos o(a)s aluno(a)s seduzidos por esse recurso didático, ou melhor motivados em utilizá-lo.

OS ACHADOS NOS FANZINES: NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DOS BAIRROS DA BAIXADA FLUMINENSE

A praticidade do fanzine, aliado com suas múltiplas técnicas de confecção, permite que os estudantes façam a leitura espacial, por meio do espaço vivido, a partir de sua identidade e liberdade de expressão. Nisso, “as possibilidades do fanzine ser uma via de expressão local e, assim, representar certo grupo, imerso em um tempo e em um espaço [...]” (FRANCO, 2010, p.21-22) é um desafio, pois cabe ao professor “Compreender as leituras de mundo dos alunos [...]”, assim como “valorizar e utilizar o conhecimento que todos trazem consigo para construir conhecimento em geografia. (FRANCO, op. cit., p. 26). Essa concepção do autor encaixa-se perfeitamente na intenção de nossa prática no ensino de geografia com os universitários o de produzir fanzines que contém as histórias de lugares (bairros), pouco ou não conhecidos por seus próprios moradores.

Concordamos com Sousa Neto (2008):

(...) a atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas

fosse feito por ela. Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo (SOUSA NETO, 2008, p.12).

Logo, o autor destaca que o educador é produtor e produto do próprio processo de ensino-aprendizagem; se constrói na experiência das relações que envolvem a educação. Portanto a construção do fanzine emergente desse trabalho em sala de aula efetivam um rico processo educativo.

Partindo para a parte prática, para fazer os fanzines dos bairros, vários recursos são possíveis, como mostrou Franco (2010, 2014), mas na devida ocasião, estudantes e o professor utilizaram os seguintes materiais: materiais de escritório (bloco de papel sulfite, caneta, lápis, caderno, cola), uso de materiais impressos (jornais e revistas), assim como do uso de imagens e informações variadas, encontradas na internet, além de computadores para edição de imagem, impressora (para fazer testes) e máquina fotocopadora.

Desse processo de construção do recurso didático, temos fanzines com técnicas muito distintas, apesar do predomínio da colagem, mas também aparecem muitos desenhos, mapas e fotografias. Veja a figura 02.

Figura 2 - Fanzine do Bairro Jacutinga em Xavantes em Mesquita



Fonte: Santos, 2018

No fanzine que conta a história do bairro Jacutinga no município de Mesquita (fig. 02), utilizando técnicas computacionais onde os textos foram gerados e as fotografias foram incorporadas ao trabalho, ficando com uma cara bastante acadêmica. O formato utilizado foi o de folder impresso num papel A4.

Os temas abordados variam muito e diferentes conteúdos podem ser tratados nos fanzines como o

fanzine da história da Vila Entre Rios (fig.03), nele o conteúdo de geografia física como a rede hidrográfica é tratada, já que o bairro origina seu nome devido a dois rios que passam nesse bairro, o rio Botas e o rio Maxabomba, ambos cortam o município de Belfort Roxo. Além da ocupação indicada nas margens dos rios, a enchente também é tema de discussão desse fanzine.

Figura 3 - Página final do fanzine A História de uma Vila entre Rios



Fonte: Santos, 2015

Já nos fanzines sobre o bairro Vilar dos Teles no município de São João de Meriti (Fig.04) e os fanzines dos bairros de Vila Guimarães e Carmari (Fig.05) no município de Nova Iguaçu, são fanzines que exploram o desenvolvimento espacial ao longo do tempo desses bairros, registrando a passagem de um espaço agrário com fazendas produtoras de café ou laranja, que são loteadas e os terrenos são vendidos dando origem a um processo de urbanização bastante acelerado e característicos do espaço urbano ou a chegada de indústrias no espaço urbanizado.

Os fanzines exploram a passagem do tempo por meio de poucos ou muitos quadros. Temos uma

sequência de oito quadros, seguindo a técnica de história em quadrinhos (HQ) que contam a história do Bairro de Vilar de Teles no município de São João de Meriti (fig. 04). Já o fanzine do bairro Carmari (Fig. 05), utiliza uma narrativa temporal mostrando três momentos para narrar a história, partindo do bairro com a ocupação da vegetação, depois das propriedades rurais e o atual com a ocupação urbana. Os fanzines tem em comum o registro de cenas relacionadas evolução do espaço-tempo e todos esses fanzines utilizaram o formato A5, com técnicas variadas, como o desenho em preto e branco, a colagem de fotografias e o desenho colorido.

Figura 4 - Fanzine da história do bairro Vilar dos Teles de São João de Meriti



Fonte: Santos, 2018

Figura 5 - Fanzine da história do bairro Carmari em Nova Iguaçu



Fonte: Santos, 2015

A confecção dos fanzines aconteceu ao longo das aulas de ensino de geografia, cuja proposta já havia sido apresentada anteriormente para que os alunos pudessem reunir informações e materiais. Mas de fato os fanzines se materializam quando o(a)s aluno(a)s extraem as informações e recursos imagéticos dos meios e referências disponibilizados,

passando-as para o papel, para depois em seguida o efeito da cópia xerocopiada apresentar o acabamento final. Destacamos que muitos dos fanzines produzidos não foram fotocopiados tornando-se produtos com uma tiragem única, cujo valor sentimental tende a aumentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fanzine como recurso didático para o ensino de geografia mostrou-se eficiente e cumpriu com seu propósito: instigar no(a)s aluno(a)s o registro de um história e geografia pouco contada, como a dos bairros da Baixada Fluminense, além da capacidade criativa, motivando-o(a)s à confecção de uma mídia de fácil acesso e aceitação, pois é fruto da própria vontade do educando de registrar e narrar num pedaço de papel informações de lugares únicos por meio de linguagem exclusivas e olhares ímpares. Os fanzines muitas vezes denunciam as angústias e reflexões críticas acerca de temas sociais de interesse do(a) aluno(a) e acima de tudo superação como podemos ver nos relatos selecionados do(a)s aluno(a)s do Parfor em pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu: a) *“Não acreditava que era tão criativa”*; b) *“Me surpreendi como posso cotar uma história e passar conteúdo pedagógico de forma clara”*; c) *“O uso de diversas linguagens enriquece qualquer processo de ensino-aprendizagem”*. d) *“Minhas futuras aulas de geografia e história contarão com esse recurso didático”*.

Desta forma, entendemos também que o fanzine, além de um recurso didático que permite informar sobre o conhecimento de um lugar, torna-se uma

identidade do(a) aluno(a), pois por meio dele é possível denunciar problemas sociais e ser um elemento de superação.

Com o uso dessa mídia alternativa foi possível perceber que os bairros da Baixada Fluminense são recursos didáticos relevantes para estudar o lugar, conceito geográfico muito presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de geografia e na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e tão difícil de ser efetivado, já que a maior parte dos materiais didáticos estão preso ao mercado editorial nacional e não se preocupam em discutir os lugares. Imagens com a Via Light registrada em muitos fanzines, já que essa via importante corta parte da Baixada Fluminense, especialmente os municípios de Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis; dificilmente estaria presente em outro recurso didático se não nos fanzines.

O uso do fanzine como recurso didático para o Ensino de Geografia na Baixada Fluminense propicia uma dinamicidade de procedimento de ensino-aprendizagem que pode ser uma etapa inicial, intermediária ou no final de um planejamento educacional. Sendo assim a prática de realização de fanzines no Ensino de Geografia auxilia indivíduos a terem liberdade de expressar o saber, em espaços alternativos propícios de criação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Patrícia B. Tornar-se Professor de História: narrativas dos alunos da graduação de história PARFOR/UFRRJ sobre as práticas de letramento. **Anais**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, UFSC, 2015, pp. 1-10.

BARBOSA, Alexandre S. **Fanzines na Escola Pública**: Motivando Alunos em Aula de Escrita em LE. Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará, 2007.

BRASIL. Conteúdos de Geografia: Critérios de Seleção e Organização; Geografia e Temas Transversais. In: BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Geografia. Brasília, MEC, 1998.

FRANCO, Fábio P. **Geografia e ensino**: a elabora-

ção de fanzines como possibilidade na construção do conhecimento. 2014. 271p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre/RS, 2014. 271p. Disponibilizado no repositório digital Lume em

[<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108708/000949344.pdf?sequence=1>]. Acesso em 11/10/2015 às 12h35min

_____. **Construindo Fanzines**: reconhecendo os lugares dos alunos por meio da produção de textos e de imagens. 2010. Graduação (Bacharel em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre/RS, 2010. 66p.

Disponibilizado na Revista de Graduação da PUC/RS, vol. 4, nº1, 2011 em

[<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8688/6138>]. Acesso em 11/10/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 19ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

OLIVEIRA, Edina C de. Prefácio. In. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997, pp.10-13.

GUIMARÃES, Edgar. **Fanzine**. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2004.

_____. A Mutação Radical dos Fanzines. **Anais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Belo Horizonte, set. 2003. Disponível em: <http://intercom.locaweb.com.br/papers/congresso2003/nucleos_np16.shtml>. Acesso

em: 2 set. 2012.

MUNIZ, Celina (Org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza, UFC, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 4ª. Ed. São Paulo, Pontes, 2002.

REVOREDO, Paula e ROQUE, Janaína P. A geografia e o fanzine contribuindo para a mudança da atual realidade de violência escolar. In GÓES, Rose M. F. (Org.) **Educando para sensibilidade: combate à violência e o preconceito na escola**. Presidente Prudente, Departamento de Educação - FCT/UNESP, 2009.

Disponibilizado em [<http://www.unesp.br/prograd/ENNEP/Trabalhos%20em%20pdf%20-%20Encontro%20de%20Ensino/T17.pdf>]. Acesso em 11/10/2018.

SANTOS, Clézio e SOUZA, Flávia da S. Os fanzines como recurso didático no ensino médio nas aulas de geografia. **Anais**. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Taubaté, UNITAU, 2014.

SANTOS, Dionys M. dos. **O fanzine como recurso didático pedagógico no ensino de geografia**.

Disponível:<http://professorvirtual.org/site/wp-content/uploads/sites/2/2013/12/Fanzine-como-Recurso-Did%C3%A1tico-Pedag%C3%B3gico-no-Ensino-de-Geografia.pdf>. Acessado em 12/02/2018.

SANTOS NETO, Elydio. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. In **Visualidades** – Revista do Programa de Metrado em Cultura Visual da FAV/UFG. Vol.7, n.1, Jan./Jun. 2009 – Goiânia, UFG, 2009, pp.68-95.

SANTOS NETO, Elydio e SILVA, Marta R. P. **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas**. São Paulo, Criativo, 2013. SOUSA NETO, Manoel F. de. **Aula de Geografia e Algumas Crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SOUZA, Flávia da S. Os fanzines no ensino médio de geografia na Baixada Fluminense: uma prática interdisciplinar. In SANTOS, Clézio (Org.) **Diálogos e Práticas Disciplinares, Interdisciplinares e Transdisciplinares no Ensino de Geografia na Escola Básica**. Nova Iguaçu, IM/UFRRJ, 20015, pp.93-102.